

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

NOVAS PERGUNTAS EM CADA RESPOSTA: REFLEXÕES INICIAIS SOBRE ENSINO, PESQUISA E INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO MÉDIO¹
NEW QUESTIONS IN EACH ANSWER: INITIAL REFLECTIONS ON TEACHING, RESEARCH AND INTERDISCIPLINARITY IN HIGH SCHOOL

Mariane Moser Bach², Josei Fernandes Pereira³

¹ Trabalho vinculado ao projeto "Novas Perguntas em Cada Resposta: Ensino, Pesquisa e Interdisciplinaridade no Ensino Médio" (GPEI/UNIJUI).

² Acadêmica do curso de Letras-Português e Inglês da UNIJUI.

³ Mestre em História pela UPF; Orientador do projeto "Novas Perguntas em Cada Resposta: Ensino, Pesquisa e Interdisciplinaridade no Ensino Médio" da UNIJUI.

INTRODUÇÃO

Este estudo é fruto das leituras e das vivências realizadas junto ao projeto Novas Perguntas em Cada Resposta: Ensino, Pesquisa e Interdisciplinaridade no Ensino Médio, que integra o Grupo de Pesquisa Interdisciplinar de Humanidades no Ensino Médio (GPEI), da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI). O projeto visa ampliar a reflexão sobre a práxis do ensino-aprendizagem de História por meio da metodologia de pesquisa interdisciplinar em Ciências Humanas, produzindo conhecimento sobre didáticas e formação de professores.

No mundo contemporâneo, marcado pelas rápidas transformações e pela grande quantidade de informação disponível e circulante, torna-se necessário pensar em abordagens que favoreçam a construção de um conhecimento histórico voltado mais às competências e habilidades do que à memorização de fatos históricos. O conhecimento histórico ultrapassa qualquer concepção meramente informativa, constituindo-se como uma ferramenta necessária para a compreensão da complexidade social e cultural da humanidade. Nesse sentido, educar pela pesquisa pode auxiliar na formação desse sujeito que compreende a complexidade do mundo, que tem consciência crítica, que faz elaborações próprias, que questiona com propriedade e faz do questionamento a chave para a reconstrução do seu conhecimento.

Além disso, pensa-se que uma prática de sala de aula cada vez mais interdisciplinar se faz necessária, a fim de promover a construção de um conhecimento menos fragmentado e mais significativo para o indivíduo e a sociedade, e, nessa perspectiva, a pesquisa como abordagem de ensino pode apresentar contribuições importantes. O presente trabalho ocupa-se em refletir sobre a pesquisa e a interdisciplinaridade como abordagens para o ensino-aprendizagem de Ciências Humanas no Ensino Médio.

METODOLOGIA

Faz uma revisão bibliográfica dos principais conceitos que fundamentam o projeto de pesquisa "Novas Perguntas em Cada Resposta: Ensino, Pesquisa e Interdisciplinaridade no Ensino Médio",

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

apoiando-se nos estudos de autores como Pedro Demo, Edgar Morin e Ivani Catarina Arantes Fazenda, bem como na leitura de documentos que regem e orientam a educação nacional. Ademais, relata as primeiras experiências com o Projeto que se desenvolve, em parte, a partir do acompanhamento da disciplina de História em uma turma do primeiro ano do Ensino Médio do Centro de Educação Básica Francisco de Assis (EFA), na qual os alunos realizam pesquisa orientada, paralelamente aos estudos formais de sala de aula, sobre a História do trabalho. A pesquisa tem início já no começo do ano letivo, a partir da escolha individual de uma atividade profissional que desperte o interesse ou a curiosidade do aluno. A profissão escolhida torna-se objeto de pesquisa e, ao longo de todo o ano, ocorre o aprofundamento sobre o tema em perspectiva histórica, isto é, a evolução da forma como foi desempenhada a profissão, a sua importância em contextos socioeconômicos diferenciados e o papel da tecnologia em sua atividade produtiva. A sistematização de todo esse trabalho é feita por meio da entrega de um trabalho escrito em formato acadêmico, bem como pela realização de um seminário de pesquisa sobre a História do trabalho, na qual cada aluno apresenta o resultado de sua produção aos demais colegas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do século XX é crescente a difusão do conceito de interdisciplinaridade, que consiste na interação entre duas ou mais disciplinas. Essa busca pela interação parece surgir do entendimento de que as disciplinas isoladas não dão mais conta da compreensão das questões do nosso mundo, uma vez que este se apresenta de forma complexa e multifacetada. Por isso, a adoção da interdisciplinaridade como princípio pedagógico para o ensino-aprendizagem da área de Ciências Humanas, bem como das demais áreas do saber, aparece com frequência nos documentos que regem a educação no país. Em um dos cadernos de Formação de Professores do Ensino Médio, aponta-se que a partir da elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM) e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), são fomentadas abordagens que buscam ampliar diálogos entre os componentes da área de Ciências Humanas por meio de práticas pedagógicas e premissas avaliativas focadas na interdisciplinaridade e na integração curricular (BRASIL, 2014). Já nas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCEN) - Ciências Humanas e suas Tecnologias destaca-se a necessidade de “integração e articulação dos conhecimentos em processo permanente de interdisciplinaridade e contextualização” (BRASIL, 2006, p. 07).

O ensino interdisciplinar visa relacionar os saberes de maneira que o aluno possa conhecer e situar-se no mundo de maneira mais completa e contextualizada. Edgar Morin acredita que “um pensamento capaz de não se fechar no local e no particular, mas de conceber os conjuntos, estaria apto a favorecer o senso da responsabilidade e o da cidadania. A reforma do pensamento teria, pois, consequências existenciais éticas e cívicas” (MORIN, 2004, p. 97). Nesse sentido, cabe destacar uma passagem de Santomé, que afirma que “[...] é preciso frisar que apostar na interdisciplinaridade significa defender um novo tipo de pessoa, mais aberta, flexível, solidária, democráticas e crítica. (SANTOMÉ, 1998, p. 45).

Portanto, a interdisciplinaridade mostra-se como uma atitude fundamental para a educação dos

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

novos tempos, a fim de que os sujeitos que estão se formando estejam mais preparados para compreender a complexidade do mundo, enfrentar os problemas que se apresentam e as mudanças, que são constantes. Por fim, destaca-se, ainda, que de acordo com Fazenda (1993) a interdisciplinaridade tem seu valor e aplicabilidade no momento em que se constitui como um meio de conseguir uma melhor formação geral, como meio de atingir uma formação profissional, como incentivo à formação de pesquisadores e de pesquisas, como condição para uma educação permanente mesmo após a escola, como superação da dicotomia ensino-pesquisa (na interdisciplinaridade a pesquisa é a única forma possível de aprendizagem) e como forma de compreender e modificar o mundo.

Falar em educar pela pesquisa na escola de educação básica pode parecer uma ideia ousada. Comumente, pensa-se a pesquisa como atitude fundamental apenas do ensino superior, concedendo a ela o status de “atividade especial, de gente especial, para momentos e salários especiais” (DEMO, 2007, p. 10). Para Pedro Demo, no entanto, a pesquisa deve se tornar atitude cotidiana e a maneira escolar e acadêmica própria de educar, pois acredita que a aula copiada, o mero contato entre professor e aluno não garante a aprendizagem, não constrói nada de distintivo e, portanto, não educa mais do que outras vivências informais (DEMO, 2007).

As crianças parecem ser naturalmente dotadas de um espírito exploratório e investigativo, sendo importante não suprimi-lo. O espírito que perpassa a pesquisa é o mesmo na criança e no doutor, embora os resultados sejam diferentes. De acordo com Demo (2007, p. 10), “a distinção não está em que um é sofisticado, outro é preliminar, mas em que cada estágio se realiza dentro de seu horizonte próprio.” Dessa forma, educar pela pesquisa relaciona-se a manter a curiosidade desperta ao longo da vida.

Cabe destacar, como faz Demo (2007), que para educar pela pesquisa é necessário, primeiramente, que o professor seja pesquisador. Não se trata de fazer dele um pesquisador “profissional”, mas que tenha a pesquisa como atitude cotidiana e como princípio científico e educativo. Assim como não é possível ensinar aquilo que não se sabe, tampouco é possível despertar no outro a atitude cotidiana que não se possui e que por isso não se faz presente na sala de aula.

Aulas que valorizam mais o conteúdo a ser passado do que a construção do conhecimento pelo aluno, que ensinam a copiar e reproduzir informações, podem até ser válidas para provas reprodutivas e vestibulares, mas não preparam o aluno para pensar por si mesmo, a elaborar com sua própria linguagem, a questionar e questionar-se. E por que se pensa que a pesquisa pode ajudar a mudar essa realidade e tornar a aprendizagem mais ativa e estimulante? Conforme Demo (2007) é pela pesquisa que o aluno poderá conseguir sair da condição de objeto para tornar-se sujeito participativo, competente, que faz elaborações próprias e que tem no questionamento reconstrutivo um desafio permanente. Esse questionamento necessita, por sua vez, de competência formal e política, porque pesquisar não é qualquer coisa. Conforme Demo (2007; 2009), a pesquisa exige qualidade formal, posto que um discurso contraditório, mal elaborado, incompleto, nega a razão metódica da ciência, uma vez que torna o texto não discutível. Ao lado da qualidade formal deve andar a qualidade política, sendo essencial compreender que o conhecimento é apenas meio, e que, para tornar-se educativo, precisa ainda orientar-se pela ética dos fins e valores.

CONCLUSÕES

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

Ao analisarmos os trabalhos entregues, consideramos que esta foi a primeira pesquisa com maior aprofundamento que os alunos realizaram, pela primeira vez com formatação acadêmica. O resultado foi positivo, embora constatamos, ainda, muita cópia e o fato de que alguns alunos poderiam ter se aprofundado mais. Porém, parece-nos que o mais importante aqui é considerar o processo: foi o primeiro movimento realizado em direção a uma pesquisa científica, os alunos se esforçaram para buscar e estabelecer relações entre a profissão escolhida e os temas trabalhados em aula, a maioria se esforçou para escrever com alguma autonomia e para adequar a formatação às normas.

Segundo Demo (2009), a pesquisa se desenvolve de forma crescente em cinco níveis diferentes: interpretação reprodutiva, a qual consiste em tomar um texto e sintetizá-lo de modo a reproduzi-lo com fidedignidade; interpretação própria, é tomar um texto e dizê-lo com palavras próprias, isto é, fazer formulação pessoal; reconstrução; no sentido de tomar o que já existe como ponto de partida e refazer a partir de proposta própria; construção, consiste em tomar o que existe como simples referência e abrir novos caminhos; e criação/descoberta, que é a introdução de novos paradigmas metodológicos, teóricos ou práticos. Portanto, a pesquisa realizada pelos alunos é incipiente e concorda com o primeiro e muito timidamente com o segundo nível. Demo aponta que “o aluno que vai tentar, pela primeira vez, uma pesquisa de estilo acadêmico não tem ainda condições de fazer mais que uma interpretação reprodutiva. Caberá, sobretudo, ao orientador apontar para o caráter incipiente, inicial, insuficiente deste nível” (DEMO, 2009, p. 40).

Além disso, foi possível perceber que este trabalho de pesquisa foi, de alguma forma, significativo para cada um, seja porque ampliou ou modificou o olhar que se tinha sobre determinada profissão, alterando, até mesmo, seu desejo sobre exercê-la ou não, seja porque permitiu aprender a pesquisar. Parece que aí está o aspecto mais importante. Conteúdos podem até ser esquecidos, mas o aprender a aprender, aprender a pensar, aprender a pesquisar, isto desenvolve o sujeito e provavelmente fica.

A realização deste trabalho foi interessante por diversos aspectos: primeiramente, porque partiu do desejo de cada aluno, de pesquisar sobre aquilo que gosta ou tem curiosidade; em segundo lugar, provocou os alunos a saírem de sua zona de conforto durante as aulas, pois não bastava apenas captar os conteúdos passivamente, era necessário estabelecer relações com a sua profissão. Esse movimento ajudou na superação da mediocridade no que diz respeito à aprendizagem, uma vez que pensar, relacionar e elaborar exige grande esforço e, cabe lembrar, infelizmente, nem todos os alunos estão abertos a isso. Pedro Demo acredita que aquilo que o aluno constrói com autonomia, com elaboração própria, fica marcado para a vida. Sendo assim, parece que a união desses dois pontos, pesquisar sobre o que se gosta aliado à pesquisa sobre aquilo que é necessário aprender de acordo com o currículo, provoca um novo jeito de ver a História e as demais áreas do conhecimento. Ademais, outro aspecto muito interessante consiste no fato de que a realização desta pesquisa permitiu a cada aluno conhecer melhor a profissão e a si mesmo, ajudando a perceber melhor seus gostos, desejos, afinidades, auxiliando-os, assim, a decidirem seu futuro.

Por último, é importante ressaltar que é pesquisando que se aprende a pesquisar. Sendo assim, os alunos do 1º ano da EFA já deram um grande passo, inclusive, muitos relataram que se sentem mais preparados para pesquisar futuramente, que a pesquisa ampliou a visão deles sobre a profissão, sobre os conteúdos da aula e sobre o fazer pesquisa. Parafraseando Demo (2007; 2009), pesquisar significa andar de olhos abertos, ler criticamente a realidade, reconstruir as condições

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

de participação histórica, informar-se adequadamente. Além disso, pesquisar ajuda a desenvolver habilidades importantes para o estudante do século XXI, tais como fazer elaborações próprias, argumentar, fundamentar, questionar com propriedade, propor e contrapor. Daí que pesquisar é atitude fundamental na escola, pois auxilia na formação de um sujeito com competência formal e política.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Formação de professores do ensino médio, Etapa II - Caderno II: Ciências Humanas / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2014. _____ . Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências humanas e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação: Lei nº 9.394/96 - 24 de dez. 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1998.

DEMO, Pedro. Educar pela pesquisa. 8 ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

_____. Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas. 7ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2009.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 9º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. Globalização e Interdisciplinaridade: o currículo integrado. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas Sul Ltda, 1998.